

LEITURA E LEITORES: PERFIL DA ESCOLA PÚBLICA

Heloísa Barretto Borges¹
Maria Helena Rocha Besnosik²

Resumo: Este trabalho focaliza Projeto de pesquisa em andamento, em uma escola pública de Feira de Santana – BA. O propósito da pesquisa é conhecer o perfil de estudantes e professores da escola pública, tendo como ações atuais: a implantação de *Círculos de Leitura* com os professores, realizados mensalmente; a aplicação de um *Questionário* aos alunos; a implantação de *Oficinas de Leitura* com os alunos; e realização de *Entrevistas* com professores e alunos. Este Projeto é, metodologicamente, de abordagem descritiva, com caráter explicativo. Apresenta características de intervenção, visto que os dados coletados propiciarão aos envolvidos uma revisão teórico-metodológica. Os resultados parciais obtidos referem-se à aceitabilidade da comunidade escolar, assim como sinais de modificação na dinâmica das estratégias de leitura por parte dos docentes, que têm se mostrado receptivos a novos aprendizados.

Palavras-Chave: Círculo de leitura, Oficinas de leitura, Escola Pública.

Abstract: This study presents a current research project held in a public school of Feira de Santana, Bahia. The research focuses on getting to know the profile of students and teachers of this public school and has as present actions: the implementation of reading groups with the teachers, on a monthly basis; application of a questionnaire for the students; implementation of reading groups with students and interviews with both students and teachers. The methodology of this project is one of descriptive approach, with an explanation character. It presents intervention features, due to the fact that the collected data will bring to the parts involved a theoretical and methodological review. The partial results obtained refer to the acceptability by the school community, as well as signs of modification in reading strategies used by the teachers, who have shown themselves receptive to a new learning.

INTRODUÇÃO

A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar os anticorpos que coíbam a expansão da peste da linguagem. [...] há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar (Italo Calvino).

Este texto, que ora apresentamos, é uma tentativa de sistematização e análise parcial dos dados coletados em um estudo de caso realizado no Colégio Estadual de Feira de Santana, na cidade de Feira de Santana/BA, com a pers-

¹ Professora Assistente dos Cursos de Pedagogia e de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); endereço eletrônico: isabborges@hotmail.com.

² Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); endereço eletrônico: maria.besosnik@terra.com.br.

pectiva de traçar o perfil leitor de alunos e professores no contexto de uma sociedade contemporânea.

Esta pesquisa teve a sua origem a partir da implantação de um Projeto denominado “Tecendo Leituras”, numa parceria entre a Secretaria de Educação do Estado da Bahia e a Universidade Estadual de Feira de Santana, que se caracterizava na realização de oficinas de leitura com alunos e professores, na perspectiva de estímulo ao desenvolvimento de leitores críticos, no ambiente escolar.

Durante a realização do Projeto, observamos o interesse das escolas envolvidas em solidificar um trabalho de leitura, tendo como referência todas as áreas do conhecimento. No entanto, o projeto não teve continuidade por falta de empenho da Secretaria da Educação do Estado. Sendo assim, nós, pesquisadores vinculados ao Núcleo de Leitura Multimeios/UEFS, resolvemos tomar como campo para um trabalho de pesquisa e extensão o Colégio Estadual de Feira de Santana, um dos sete estabelecimentos envolvidos no referido projeto.

A escolha deste colégio explica-se por ser um dos mais antigos da cidade e por ser considerado de médio porte, trabalhando com alunos do Ensino Médio. Além disso, durante o tempo em que convivemos dentro do colégio, éramos instigados pelos professores a realizar um trabalho mais efetivo no que diz respeito à formação de leitores reflexivos, que pudessem se posicionar frente à realidade da sociedade.

Nesse sentido, o nosso contato na escola permitiu que percebêssemos como os alunos, de um modo geral, tinham pouco contato com práticas de leitura que os levassem a uma reflexão sobre as concepções e as possibilidades de uso das diversas linguagens. A formatação das oficinas no Projeto “Tecendo Leituras” permitiu que experimentássemos com os professores e com os alunos a leitura de vários textos, desde o escrito até o imagético. Essas vivências leitoras foram enriquecedoras, no sentido de oportunizar o conhecimento dessa realidade, o que facilitou a elaboração deste projeto de pesquisa, cuja proposta é aliar a investigação à intervenção.

Isso indica o nosso compromisso de pesquisadoras em não perder de vista a necessidade de investigar as formas de acesso desigual ao livro, no âmbito social no qual a escola se insere, e a relevância de um debruçar-se na busca de alternativas de intervenção para minimizar os conseqüentes prejuízos na formação de leitores proficientes. Significa, assim, uma interferência construtiva no traçado das metas primordiais da escola pública.

Nessa perspectiva, questões afloram, tais como: O que significa ler na sociedade atual, com seus sistemas plurais de comunicação e interação? Quais

as representações de leitura que o jovem e/ou adulto estudante da escola pública faz diante da realidade escolar marcada por poucos recursos materiais e operacionais, em contraste com as necessidades que a sociedade impõe ao cidadão, na sua vida diária? Que sentido tem a leitura no viver cotidiano de alunos e professores?

AS TEIAS DA PRÁTICA

As atividades de leitura são realizadas com os professores de todas as áreas do conhecimento, porque pretendemos aprofundar a reflexão sobre a formação do sujeito letrado, desconstruindo a idéia de que o lugar da leitura é da responsabilidade apenas do professor de língua portuguesa. É necessário que todos os professores compreendam que a responsabilidade de formar leitores cabe à escola como um todo. É tarefa do professor de geografia, de história, de matemática, de física, de química, de educação física, de ciências, de artes, enfim de todas as áreas. O aluno precisa ser desafiado a:

Ler tudo, desde as banalidades que possam parecer divertidas até coisas que o professor julga que devem ser lidas para o desenvolvimento pessoal do aluno como pessoa sensível, civilizada, culta, como cidadão, para o estabelecimento de seu senso estético, de sua solidariedade humana, do seu conhecimento (GUEDES; SOUZA, 2004, p. 17).

O que temos como realidade nas nossas escolas é a percepção de que cada área preocupa-se com os seus conteúdos específicos e não há a dimensão de que o mote do trabalho do professor se realiza através da leitura, sendo que a diversidade textual é o que torna possível um passeio pelo conhecimento já construído, visto que:

Esta leitura de inserção do aluno no universo da cultura letrada desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e interpretar textos significativos para a formação de sua cidadania, cultura e sensibilidade (GUEDES; SOUZA, 2004, p. 19).

Soares (1988) assinala que a democratização da leitura ainda não acontece de forma plena na nossa sociedade. Os indivíduos aprendem a ler e a escrever, mas nem sempre se tornam leitores letrados, isto é, usuários plenos da língua escrita. É válido ressaltar que o ato de ler requer, inicialmente, a apreensão do código lingüístico, embora não se esgote na apreensão do sistema lingüístico, nos limites da alfabetização.

É notório que a responsabilidade escolar com a formação de neoleitores e com o aprofundamento da proficiência leitora de sua clientela se amplia através do reconhecimento de que só a vivência da língua escrita nos mais

variados modos de uso social e nos diversos suportes de circulação rumo a um estado pleno de letramento³, representará a garantia de apropriação do mecanismo da leitura, primordial para a prática cidadã, no cenário social. Nesse mister, a escola agrega o valor de mediadora, incorporando o aprendizado de que:

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos (CHARTIER, 1996, p. 240).

É perceptível a ressonância de uma crise de leitura que tem afetado os sistemas nacionais de ensino (fundamental, médio e superior), na contemporaneidade, haja vista os resultados de pesquisas e avaliações divulgados pela mídia. Ressalve-se que não se pode pensar a leitura apenas numa perspectiva canônica.

A nossa tentativa nessa pesquisa, ao pensar em traçar o perfil desses leitores a partir da inserção de alunos e professores em práticas de leitura, é fazer aflorar o leitor que existe escondido em cada um, abrindo espaço para que falem de suas leituras que, muitas vezes, são desqualificadas pela própria escola. As avaliações nacionais sobre o nível de leitura dos alunos da escola pública sempre revelam dados em que os alunos apresentam baixos índices no que se refere à performance de leitura. No entanto, esses dados se limitam a mostrar uma leitura canonizada e autorizada pelo sistema educacional, que não permite traçar um panorama mostrando a variedade textual utilizada por esses jovens.

Há que se ressaltar as diversas situações de leitura presentes nas práticas sociais, fazendo parte das manifestações da cultura, que exigem de pessoas notadamente letradas um preparo específico, seja relativo ao domínio da informática, seja relacionado à habilidade interpretativa de um filme, de uma obra de arte, de alguns manuais ou textos instrucionais.

A História da Leitura tem apresentado uma variedade de leitores, que não se limitam a leituras autorizadas, ou mesmo que mais ouvem do que lêem o texto escrito. Na experiência do contato com os professores desse colégio, constatamos a pouca familiaridade com o texto literário e como a leitura estava restrita às necessidades profissionais, para atender a uma demanda conteudista do momento. Os professores e as professoras, todos com formação

³ Sobre Letramento, ver SOARES (1998).

universitária, apresentaram queixas a respeito da falta de leitura dos alunos, entretanto não conseguiam localizar a raiz do problema. Na verdade, eles também fazem parte do problema, apesar do nível avançado de escolaridade em relação aos estudantes.

A leitura do texto literário localiza-se, muitas vezes, no campo do prazeroso, sem a compreensão dos aprendizados embutidos nesse tipo de leitura. Lê-se literatura para ocupar o tempo, para se distrair, para fugir da realidade. Onde fica a possibilidade de construir uma experiência estética na leitura do texto literário? Iniciamos então os Círculos de Leitura por área de conhecimento, uma vez por mês, lendo textos literários. Nessa perspectiva, dominar a leitura implica em elaborar sentidos, de forma mais aprofundada, como fator preponderante para recuperar o papel social de cidadão.

Admitimos que um texto literário é um instrumento poderoso de contextualização do mundo, em seus vários enfoques, porque propicia uma profunda reflexão sobre o conjunto complexo de componentes mentais e emocionais da compreensão, trazendo em seu bojo o caráter polissêmico, que abre espaço para múltiplos olhares interpretativos. A partir da leitura, então, o ser humano poderá amadurecer sua forma de atuação no mundo, ao perceber as possíveis vias de acesso e/ou de ocultamento existentes nas relações horizontais e verticais das práticas sociais.

O texto literário também se torna relevante por conta do aspecto catártico que lhe é conferido, do jogo lúdico que estimula a imaginação do leitor, da possibilidade de lidar com o prazer, da liberdade de criar, das novas significações que atribui aos signos. Pode constituir-se, ainda, pelo caráter interpretativo/reflexivo que encerra, em instrumento desalienador de estereótipos sociais e elemento aguçador da criticidade. A obra literária, assim, pode ser entendida como um objeto construído que “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” [...] “é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 1995, p. 244; 245).

Para a literatura, a palavra assume a dinâmica de educar os sentidos, com vistas a uma ação transformadora do indivíduo, o qual, a partir da chegada ao mundo, torna-se apto a interpretá-lo. E o faz de várias maneiras: pelo olhar, pelo cheiro, pelo tato, pelos ruídos captados e, conseqüentemente, pelos significados sensoriais e emocionais apreendidos, muitas vezes além das palavras, antes pelo reconhecimento de intenções e motivações que ele impregna às ações em sua volta.

Por conseguinte, o ser humano elege a palavra como algo imprescindível para garantir o seu lugar social no mundo e dar sustentabilidade a sua condição de sujeito pensante, que é e está cada vez mais desafiado a construir sabe-

res e valores, bem como usufruí-los no seio da cultura, sempre fazendo escolhas em situações plurais. Esse processo construtivo de valores, efetivado pelo escritor e reprocessado pelo leitor, sugere que:

Todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis (EAGLETON, 1997, p. 17).

Como intérprete, o leitor identifica, na tessitura textual, uma significação tanto subjetiva quanto histórica. É o nível hermenêutico de apropriação da obra - unidade semântica viva e, portanto, polissêmica - que vai garantir-lhe o equilíbrio no processo de (re)construção de valores do mundo. Na realidade, a literatura opera com a linguagem, peculiarmente empregada, considerando as múltiplas possibilidades e expectativas subjacentes a um discurso contextualizado e carregado de intencionalidade, que se disponibiliza ao leitor.

TECENDO O LEITOR NOS MEANDROS DA ESCOLA

Dirigir um olhar crítico para a questão da leitura, na atualidade, bem como envolver a escola na implementação de projetos que invistam prioritariamente na formação de leitores não só para o interior da escola, mas para o mundo, se constitui em eixo central da preocupação de educadores. Concor damos que “cada leitor, a partir de suas referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá sentido mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 1996, p. 20).

Sob essa ótica, é possível considerar a importância de revalorizar criticamente o papel da escola, enquanto aglutinadora e difusora de saberes, no sentido de implementar abordagens pedagógicas que mobilizem os potenciais de aprendizagem que o estudante dispõe. Isso implica no resgate cultural da leitura, compreendendo-a como uma prática, entre outras, que designa consumo cultural e incorporando o sentido de que:

A leitura obedece às mesmas leis que as outras práticas culturais, com a diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, isto é, de que o nível de instrução vai ser mais potente no sistema dos fatores explicativos, sendo a origem social o segundo fator. No caso da leitura, hoje, o peso do nível de instrução é mais forte. Assim, quando se pergunta a alguém seu nível de instrução, tem-se já uma previsão concernente ao que ele lê, ao número de livros que leu no ano, etc. Tem-se também uma previsão concernente

à sua maneira de ler. Pode-se rapidamente passar da descrição das práticas às descrições das modalidades dessas práticas (BOURDIEU, 1996, p. 237).

O entendimento conseqüente, então, é que o conjunto das ações pedagógicas tanto na área de ensino da língua materna, quanto nas demais áreas do conhecimento, deve convergir para a efetivação de um movimento didático que parte da dimensão pessoal, isto é, direcionado à esfera da experiência subjetiva, para atingir uma abrangência coletiva. Assim, cada leitura se formaliza evidenciando seu aspecto cognitivo, além de seu elemento histórico-cultural.

Desse modo, reconhecendo os sentidos e os valores historicamente atribuídos às situações de leitura, é possível afirmar a relevância de implementação de uma política de leitura, através de mecanismos mobilizadores, que ampliem as formas e os processos de leitura e ofereçam oportunidades de aprendizado aos educandos, principalmente os economicamente despossuídos, ratificando que “Mas ler aprende-se” (CHARTIER, 1996, p. 22).

O processo de formação do leitor escolar, como ponto de partida para a constituição do leitor social proficiente, está vinculado às nuances interpretativas que a totalidade dos docentes da escola estabelecem, dimensionando a prática cotidiana da leitura via implementação de rituais didáticos produtivos, estimuladores e sedutores, assumindo uma mediação inteligente e atualizada, ao oferecer um repertório variado de leitura.

Aproximar o educando do livro indica uma tomada de atitude eficaz e eficiente, de mão dupla, posto que exige que o docente invista em sua própria formação leitora e conceba o livro, então, como fonte inesgotável e imprevisível de saber e poder, com o qual deve se cumprir, assumindo que:

[...] todo professor é também um professor de leitura: conhecendo o professor as características e dimensões do ato de ler, menores serão as possibilidades de propor tarefas que trivializem a atividade de ler, ou que limitem o potencial do leitor de engajar suas capacidades intelectuais, e, portanto, mais próximo estará esse professor do objetivo de formação de leitores (KLEIMAN, 1995, p. 11).

Sendo assim, a qualificação da atividade de leitura na escola pública pode se efetivar, na medida em que haja possibilidades de professores e alunos darem maiores saltos no desenvolvimento de seus potenciais de leitores crítico-reflexivos, que ressignifiquem os valores ideológicos do seu espaço-tempo e conquistem sua autonomia leitora. Os textos literários, então, como produtos culturais e mananciais de leitura, tornam-se, para estudantes e professores, instrumentos exemplares de incorporação de conhecimentos e exercício das emoções.

OS CÍRCULOS DE LEITURA

Dentre as práticas de leitura que temos exercitado com os professores, destacamos os “Círculos de Leitura”, que consistem na leitura em voz alta de um texto literário previamente escolhido. Esta prática é originária dos Encontros de Leitura promovidos pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio do Programa de Incentivo à Leitura, denominado PROLER.

O círculo de leitura retoma a experiência da leitura em voz alta, prática que foi muito difundida antes da consolidação da leitura silenciosa e da expansão da alfabetização.

A leitura em voz alta vai durante muitos séculos fazer parte das práticas leitoras de uma população considerada não letrada, ou melhor, não alfabetizada. Era muito comum na França, entre os séculos XVI e XVIII, tanto no campo quanto na cidade, as pessoas se reunirem para escutar a leitura de um livro, fosse no ambiente familiar ou no trabalho. Era época de uma leitura intensiva, em que o mesmo texto era lido diversas vezes, pela escassez de material impresso. Sabe-se por diversas pesquisas no campo da leitura, ainda na França, da existência de uma importante instituição social denominada “veillé” em que os camponeses se reuniam para namorar, cantar, conversar, fazer trabalhos manuais, contar histórias e também, se existisse entre eles algum homem alfabetizado e que possuísse livros, poderia ler em voz alta.

Aparece, então, a figura do leitor, que encarnava o indivíduo que ia um pouco além da decifração dos signos e ainda era um possuidor de livros, o que lhe conferia um *status* social. Diz Fabre (1996): “O lugar do leitor é sempre o mais iluminado, contra o fogo, à noite, ou no vão da janela, quando há sol, senta-se na cadeira que lhe é reservada”. O leitor, portanto, era uma figura importante, presente nos vários relatos sobre leitura do século XVI ao XVIII.

Esta modalidade de leitura sobreviveu durante muito tempo, na França do século XIX. Na cidade, as pessoas já liam silenciosamente e individualmente, mas no campo ainda persistia uma leitura coletiva e em voz alta: “Eles pertenciam às “gerações de ouvintes” que ainda não haviam se transformado em “gerações de leitores”, ou seja, pessoas para as quais a leitura era muitas vezes experiência coletiva, integrada em uma cultura oral (LYONS, 1999, p. 197).

A leitura em voz alta no início do século XIX também fazia parte “da cultura do local de trabalho”. Afirma Lyons: “Perdiguier menciona as leituras em voz alta entre carpinteiros franceses, no início dos anos 1820, em que se declamavam Racine e Voltaire” (LYONS, 1999, p. 195).

Têm-se notícias de que a leitura em voz alta era muito comum nos ambientes familiares ou de trabalho. Manguel (1997) relata a experiência de trabalhadores cubanos numa fábrica de charutos onde acontecia uma leitura pública de livros e do jornal dos trabalhadores, durante o turno de trabalho, em 1866. Um dos trabalhadores era escolhido como leitor oficial e os outros o pagavam por esta tarefa. Essas leituras foram desaparecendo aos poucos, devido a proibições do governo. Contudo, elas reaparecem ainda no século XIX, por meio de trabalhadores que imigraram para os Estados Unidos. Assim,

O material dessas leituras, decidido de antemão pelos operários(que, como nos tempos de El Figaro, pagavam do próprio salário o *lector*), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia clássica e moderna. Tinham seus prediletos: *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo-lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu (MANGUEL, 1997, p. 135-6).

Essa leitura nas fábricas de charuto ultrapassou o século XIX e sobreviveu até 1920. A leitura partilhada remonta não só o século XIX, mas muitos séculos anteriores; lia-se publicamente nas tabernas, nos salões da corte, nas estalagens, nos locais de trabalho, nos lares humildes, nos mosteiros, nas praças públicas. A literatura brasileira, do século XIX, mostra alguns exemplos de leitura em grupo como as dos serões familiares. Machado de Assis, em seu livro *Dom Casmurro*, apresenta o personagem José Dias, o agregado da casa, que tinha a tarefa de ler à noite, depois do jantar, para as pessoas da família. Essas leituras, em geral, tinham a função de entretenimento.

Câmara Cascudo também relata esses serões familiares nas casas dos sertanejos, no século XIX, quando se refere a leituras dos folhetos de cordel:

A ausência de jornais, o isolamento das fazendas e engenhos de açúcar determinavam uma vida familiar mais intensa. Raramente o chefe da casa saía à noite. A dona, filhos, noras, permaneciam fiéis ao serão habitual, candeieiro aceso, depois da “janta”, fazendo sono, trabalhando nas obras manuais, ouvindo a leitura tradicional desses folhetos que vinham de séculos, mão em mão com seu público inalterável (CASCUDO, 1953, p. 25).

A leitura em voz alta também foi e ainda é uma prática de leitura nas escolas. Na França, no final do século XIX, era realizada para incentivar nos alunos o gosto pela leitura. O professor primário era orientado a escolher uma obra atraente e no final da aula, duas ou três vezes por semana, fazer essa leitura para os seus alunos.

Nas nossas escolas, essa prática tem sido usada com um outro objetivo, pois não é o professor que efetua a leitura e sim os alunos. O professor vai observar a competência do aluno para decifrar os sinais, além de ser usada como um instrumento disciplinador.

Pois bem, a leitura realizada em voz alta para determinados grupos não é uma prática nova, inventada nos dias de hoje. O que é novo na prática dos Círculos de Leitura “é o uso do círculo para aproximar leitores na troca de suas interpretações para estímulo intensivo da própria experiência de dizer e dizer-se”⁴.

Essa prática efetivada nos círculos se diferencia dos momentos anteriores da história, porque se está diante de um grupo em que todos sabem ler. Não são ouvintes apenas de uma leitura, mas eles vão juntos numa leitura coletiva do mesmo texto, partilhando opiniões sobre o que leram.

Sendo assim, iniciamos o nosso Círculo de Leitura com o texto de Machado de Assis, “Pai contra mãe”. Em todos os grupos, por área de conhecimento, aconteceu um debate caloroso com relação à escolha do texto, como também no desenrolar da própria leitura.

Alguns professores expressaram suas dificuldades com a leitura de Machado de Assis, apontando que, na verdade, poderíamos ter iniciado com um outro autor, alegando que este era um clássico de linguagem difícil. Durante as conversas pós leitura do texto, percebíamos que os comentários eram feitos a partir das experiências de cada leitor e observávamos que algumas leituras eram realizadas ao “pé da letra”, sem levar em conta o contexto e a ironia implícita no texto, característica deste escritor.

A leitura do conto machadiano mobilizou as professoras para uma discussão no campo da ética, na figura da personagem que faria qualquer coisa para o bem-estar da sua família. Machado de Assis põe em foco uma análise da sociedade brasileira, ainda na época da escravatura, em que prevalecia a mentalidade de naturalizar a situação dos negros, ressaltando as fraquezas humanas na luta pela sobrevivência.

Tratando-se de um texto literário e, portanto, de característica polissêmica, as interpretações tomaram diversos caminhos, desde uma análise a partir do contexto da época, até trazer as discussões para o contexto atual, numa tentativa de relacionar as posturas dos personagens aos valores éticos e morais vivenciados no presente momento histórico-político do país e as mazelas sociais decorrentes.

⁴ YUNES, Eliana, *Folheto do PROLER*.

CONCLUSÃO

As avaliações realizadas na culminância dos Círculos de Leitura demonstraram o impacto emocional causado nos docentes das diversas áreas, pela vivência desta atividade, considerada profícua. Os depoimentos referentes ao processo de despertar para a valorização da leitura literária tornaram notório o estado de lacunas conceituais e operacionais da formação de alguns professores, em relação a esse tipo de texto. Entretanto, o que surpreendeu foi o fato de alguns expressarem sua satisfação pela sensação de que uma chave abria a porta de suas mentes para a percepção das imagens contidas nos textos literários, as quais ora estavam explícitas, ora implícitas, instigando o seu olhar arguto de leitor.

Portanto, dar visibilidade, na escola pública que temos, a uma formação leitora autônoma, via oferta de textos literários significativos, pode se constituir em contribuição eficaz para o delineamento da escola que queremos ajudar a (re)construir, especialmente voltada para o compromisso de ampliar o universo cultural e alargar o horizonte social dos cidadãos que nela atuam, professores e alunos. Este propósito compõe a relevância social desta pesquisa, que ora viabilizamos como expressão de nossa responsabilidade no exercício profissional, bem como do nosso desejo amoroso de transformação e otimização da escola pública.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. Trad.: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FABRE, Daniel. O livro e sua magia. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Trad.: Cristiane Nascimento; revisão da tradução Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- NEVES, Iara Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHAFFER, Neiva Otero; GUEDES, Paulo Coimbra; KLUSENER, Renita. (Org.). *Ler e escrever*: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1995.

LYONS, Martin. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). *Leitura – perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.